**ESPIRITUALIZAÇÃO DA PALAVRA**

**A produção estética da percepção dos corpos**

***Wandreus Wilson da Silva Correia[[1]](#footnote-1)***

**Grupo de Trabalho (GT): 13 Estética e Ensino Religioso: perspectivas e práticas da arte e sua diversidade**

**RESUMO**

O presente texto tem o propósito de conectar Estética da Religião e Pensamento Ameríndio em busca da pertinência da “palavra” na existência de uma esfera virtual, espiritual, imaterial, na produção de sentido, e modelagem de entendimento de mundo, na busca de significado molar e molecular, isto é, social e individual. Para tanto, será feito articulações entre conceitos como “perspectivismo ameríndio” e “xamanismo”, com diferentes textos extraídos da própria disciplina “Estética da Religião”; no objetivo de elaborar um movimento parelho dos horizontes de compreensão, e extrair a ação ferramentada que se promove através do objeto de estudo aqui, no caso, a palavra, e sua potencialidade dentro dessa perspectiva.

**Palavras chave:** *xamanismo; perspectivismo; estética; ameríndio; espírito.*

**Introdução**

Esse texto tem a ambição de aproximar uma possibilidade do conceito filosófico de estética à uma compreensão no horizonte do pensamento ameríndio. Para tanto, além de articular alguns textos e autores da disciplina “Estética da Religião”, será mobilizado também autores distintos que refletem o pensamento ameríndio ao longo de seus diferentes trabalhos. Dessa forma, buscar a função e efeito da “palavra” no texto, ou ainda mais, na narrativa, na multiplicidade dos corpos, povos, sociedades, que estão acessíveis a imaterialidade e materialidade dessa “palavra”. Dora avante, será usado Palavra para referimento do objeto de estudo.

**Fundamentação teórica**

“Estética da Religião” é entendida como a área que analisa as sensações do ser humano, que estão interpenetradas por evocativas como o Sagrado, a Verdade e a Beleza; que envolvem indivíduos em suas várias relações discutidas no campo da crença religiosa por filósofos e teólogos (DANTAS, M.B.S., 2018,p.11); e que estão irradiados pelos diversos meios de formação da sociedade, no que se refere o “sensitivo, físico e corporal”. Nesse trabalho, se faz necessário expandir a percepção sobre “Estética da Religião”, para além do próprio conceito de religião; e conseguir entender essa modelação como elemento comum de construção social.

Para desmembrar essa articulação xamânica, até chegarmos à localização da Palavra na manifestação que lhe é possível, vamos verificar o conceito de Perspectivismo Ameríndio do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, que pode ser bem melhor observado no texto do próprio autor, “Metafísicas Canibais” (2009). Aqui, uma tentativa de simplificação, própria, desse grandioso conceito:

O Perspectivismo Ameríndio é o conceito ao qual “todos os existentes são centro potenciais de intencionalidades, que apreendem os demais existentes segundo suas próprias e respectivas características ou potências” (VIVEIROS DE CASTRO, 2009, p.42). Por esse entendimento, a relação no cosmo indígena, se dá pela consideração da alteridade alheia; e nesse sentido, todos os existentes possui a capacidade de sua intenção, olhar, modo de vida, que é considerado nos fluxos de contato, ou na concepção das relações sociais entre os existentes (animais, espíritos, plantas, etc.). Ou seja, um organismo de ações pendulares que se constrói de acordo com a natureza dos encontros e a manifestação dos envolvidos. (CORREIA, W.W.S., 2021).

Ora, se estamos falando de entidades relacionais, que transformam, e são transformadas, pela natureza dos encontros, fricções, afetos, e considerações de sentidos, que possuem espíritos ou o são, na propriedade de sua representação (VIVEIROS DE CASTRO, 2014, p. 259), é importante, então, que analisemos a Palavra como esse corpo imaterial que pode possuir predicados para efetuar essas manifestações, à medida que tange outros corpos.

Precisamos encarar esse tema com a amplitude que o apraz. Parece que na perspectiva ameríndia discorrida por Viveiros de Castro, se há entidades imateriais com capacidades relacionais, elas podem ser entendidas com a consideração xamânica, de que essas entidades possuem tal propriedade de representação (Idem); e no caso da Palavra, é possível, a olho nu, observar sua grande diferença quando é empregada em um texto do pensamento europeu, africano ou indígena, por exemplo. Ou seja, o feixe de palavras, em terminado contexto, origem, aplicação, se torna um feixe de afecções e capacidades distintas (Ibidem, p. 255), espirituais, para tratar aqui de sua imaterialidade com propriedade do sujeito, no caso, o sujeito Palavra.

Dito de outro modo, muitos existentes, materiais, imateriais, físicos, espirituais, virtuais, possuirão aptidão xamânica; ou seja, não só humanos, mas qualquer outro elemento que existe de alguma forma (SÁEZ, 2018, p.19). Ou seja, qualquer corpo, na dimensão de sua existência, pode possuir a propensão xamânica, e dessa forma trafegar na canalização dos fluxos constantes, influenciando, sendo influenciado; usando, sendo usado: “Todos os nós da rede do xamã são xamãs” (Idem). Nesse aspecto, podemos refletir a capacidade da Palavra em exercer e sofrer essas propensões nos encontros com diferentes corpos.

**Metodologia.**

Por te tratar de um trabalho teórico, a revisão bibliográfica parece o caminho mais óbvio e auto explicativo para o exercício do escrutínio do material de autores que serão referenciados. Porém, é importante frisar que haverá outros processos contidos nessa feitura, como a proposta etnológica. Embora disciplinas ligadas antropologias tendem a super valorizar o trabalho etnográfico, grandes trabalhos teóricos, como os de Viveiros de Castro, Lévi-Strauss e Bruno Latour, por exemplo, foram feitos através da etnologia. E nesse trabalho, se pretende a operação dessa ciência no estudo do material analisado.

**Resultados e discussão**

Na consideração ameríndia, o mundo existe para além da materialidade visível, e o invisível, virtual, o espiritual é o “fundo universal da realidade” (VIVEIROS DE CASTO, 2007, p.33). E essa virtualidade pode se conectar a diferentes corpos, para produzir fazedores de sentidos, manipuladores, influenciadores de outros corpos, numa trama rizomática de infinitas conexões, pois essa “capacidade é mais dada que construída” (SÁEZ, 2018, p.19), e nesse sentido, há todo fluxo de transformações acontecendo, mesmo que não se perceba a intenção.

Se é verdade que a Palavra pode ser essa “virtualidade”, esse “corpo imaterial”, esse “espírito”, que poderá atravessar corpos como um xamã; seguirá com a habilidade xamânica do ciclo de criação, na capacidade de produzir vida (VIVEIROS DE CASTRO, 2014, p.47). E não apenas produzir, como também assimilar outros espíritos. Nesse sentido, podendo assimilar, ou ser assimilada, por outro espírito, e se tornar sua agente (SÁEZ, 2018, p.17). Assim, produzir variadas atmosferas, aglutinando feixes de intenções, os sobrenaturalizando.

Embora a Palavra, descrita até aqui, como um corpo xamânico, que trafega em diferentes corpos, em um gigantesco “rizoma” (DELEUZE & GUATTARI, 2012); não é uma harmonia relacional, como, talvez, algum desavisado possa imaginar. Há um regime de forças que está sempre em busca da sobreposição ante o outro corpo. E nesse sentido, um mito, um canto, um texto, uma orientação, uma lei, nunca é manifesta sem afeto algum. A Palavra, como elemento espiritual/virtual, possui uma intenção que talvez o perspectivismo ameríndio nos dê essa dimensão:

As “perspectivas invisíveis” vão agir independentes a ciência plena dos corpos envolvidos. E é nisso que constitui a “violência” dos afetos, a capacidade dos corpos serem afetados nos movimentos de “dar, receber, retribuir”; pois, mesmo existindo reciprocidade, a tensão, a captura, o roubo, não podem ser medidos. Isso se deve ao fluxo incontido do desejo de existir, que não respeita “contrato social”, ignora troca, “ele só sabe de roubo e dom” (VIVEIROS DE CASTRO, 2009, p.193); sendo um processo que pode ser ilimitado. (CORREIA, W.W.S., 2022).

Essa virtualidade da Palavra que está sendo proposta aqui, necessita de aprofundamento, e consideração séria na possibilidade outros cosmos, que não só o ocidental. Embora o emprego dessa análise da ação virtual da palavra, não se limite a nenhum cosmo específico. Nesse percurso de contraposição de cosmos e cultura, Viveiros de Castro vai apontar a metafísica ocidental como sendo extremamente colonialista (VIVEIROS DE CASTRO, p.27); que insiste em determinar a matriz do ser perfeito, o homem branco europeu, como “humanos completos”; por isso seu pensamento busca se impor como o uso verdadeiro da Palavra que importa.

**Estética da Religião**

A concatenação possível entre esse universo perspectivista ameríndio, e os da Estética da Religião, começa se dá na própria origem da observação filosófica ocidental, a mitologia grega, onde se constrói os conceitos reflexivos que perduram até hoje: palavras, termos e teorias. E nesse sentido, é importante observar que na mitologia de onde oriunda a filosofia ocidental, as palavras/conceitos eram deuses/espíritos: Chronos, Parôn., Alétheia, Díke, Ápate, Hermes ... (DATIENNE, 2003, p. 56), ou seja, um elemento virtual, cardinal para existência das sociedades desses tempos; nos conduzirá esse texto citado de Marcel Datienne.

Aliás, Marcel Datienne, constrói sua pesquisa sobre a mítica grega, muito amparado no estruturalismo levistraussiano, que pode ser visto nas “Mitológicas”; que trafega no entendimento da cultura/espírito como fundo natural/comum dos existentes, nos estudos das representações míticas da passagem da natureza à cultura. Datienne vai imprimir a premissa do poeta Simônides, “a palavra é imagem da realidade” (DATIENNE, 2003, p. 57), onde o poeta constrói um pensamento que retira a função da palavra poética, apenas da esfera religiosa, inspirada, acreditada até então; para uma função de forjar essa “realidade”, trabalhando memória, observação, e palavra, evocando o espírito do homem a uma realidade exterior.

Neste caso, na proposta poética de Simônides, percorrida por Datienne, a Palavra ganha ares de produtora de realidades, reflexões e memória. E ainda, o poeta, convida a uma produção mais constante, não só à espera da inspiração, mas, uma relação com a produtora de imagem, a Palavra. Nesse sentido, se aproxima muito da perspectiva xamânica, onde a atividade espiritual se torna a de produzir imagens, corpos. E aqui, nem é uma tentativa de fazer uma aproximação gratuita e ligeira. É fazer um paralelo entre culturas distintas, e organizações sociais, aparentemente díspares, para evidenciar a existência da Palavra como elemento espiritual.

Um outro movimento que podemos observar nesse sentido, no mesmo texto, é a quando Simônides chama atenção para questão da utilização do tempo na produção de memória; e não mais como elemento de esquecimento, mas, como potência na memorização da atividade poética, assim uma técnica positiva da reorganização da Palavra (DATIENNE, 2003, p.58), para aprendizado do seu uso. Esse tempo de produção de significados, revelações, que será transmitido pela Palavra, pode ser localizado como tempo mítico nas diferentes cosmogonias (ELIADE, 1998, p. 123); e o pensamento ameríndio atual, vai trazer à tona, a possibilidade de pensar uma relação com a natureza, mesmo quando se poderia dizer “imemoráveis”, com a passagem do tempo, se torna o processo de construção da observação (KRENAK, 2022, pg. 11), manifestos pela oralidade ou escrita. Em se tratando de memória e imemoráveis na narrativa ameríndia, o tempo pode construir outros sentidos:

Uma história aparentemente esquecida pode voltar a circular, ressignificada pelas situações de crise vividas por uma geração diferente da que teria sido a fonte do relato primevo, de acordo com o historiador Paul Cohen (2014). São igualmente comuns as instâncias em que os membros de uma comunidade buscam recordar uma história com a qual se identificam (COHEN, 2024, p. XII) ou, segundo Paul Ricoeur (2006, p. 148), pela qual desejam ser representados. (BARBOSA, GABRIEL, DANTAS, SANTOS, 2020, p. 14).

Acontece aí um movimento de retroalimentação entre molecular e molar, pois nos fluxos de rememoração da palavra, a linguagem do coletivo, abastece a memória individual (BARBOSA, GABRIEL, DANTAS, SANTOS, 2020, p.25), que se relaciona com tempo, espaço, trânsito. Assim como para Simônides, a memória vai existir como cadeia de reencarnação do passado, presente, e futuro, existindo como “fontes de vida” (DATIENNE, 2003, p. 65). Para os povos ameríndios, há geografias espirituais, e essas podem ser acessadas de várias formas, como nos troncos velhos, ou os anciões que guardam da memória de outros tempos.

Foi dito até aqui, que a Palavra é um espírito, ou seja, uma entidade, um elemento virtual, que pode assumir proposições xamânica, de acordo com o perspectivismo ameríndio, e promover afetos e afecções; transformar e ser transformada; usar e ser usada; influenciar e ser influenciada. Nesse aspecto acaba sendo um elemento que possui as propriedades da estética, em suas operações de produção de sensações do ser humano, englobando questões como o Sagrado, a Verdade e a Beleza (DANTAS, M.B.S., p.11); elementos que ornam toda existência humana, nas mais distintas camadas molares. Ou seja, se o mundo é sempre de sensações, ou encontros e afecções de corpos prospectado sobre outros; qual é a o lugar da Palavra quando há verbalização e escrita que possui esse efeito estético?

Se é uma pertinência estética, no sentido de produção, de molde, de forma, que estabelece o que é Sagrado, Verdade e Belo, ou seja, “motivações de sensoriais”, de crença, de percepção da vida; a Palavra foi um veículo de condução de diversas intenções nas disputas de controle pelo modo de vida em sociedade, e como já tratamos aqui, por exemplo, as sociedades coloniais de invasão de outros povos, alicerçadas em suas bases de crenças, e subjugação das polifonias alheias:

Por isso, apesar da antiga relação entre Teologia e Estética, uma crise foi estabelecida em decorrência de determinados limites apologéticos e proselitistas, que enclausuram as interpretações artísticas, sejam elas textuais, plásticas, musicais etc. (DANTAS, M.B.S, p.11)

**Considerações finais**

Esse acoplamento proposto aqui, “Estética da Religião” e “Pensamento Ameríndio”, como alinhamento para detectar a Palavra em sua existência espiritual/virtual, é possível pelas correlatividades que ocorrem no momento em que são desbravados seus conceitos e usos em um movimento parelho. As captações estéticas vão para além dos processos sintônicos da visão, olfato, audição; e são elaboradas em uma dinâmica de mão dupla, em sentir e produzir (DANTAS, M.B.S., p.12). Tanto a Estética da Religião, como o Pensamento Ameríndio, serão ferramentas que possibilitará a sistematização da infinidade de possibilidades da utilização de afetos e afecções de corpos com capacidades estéticas ou xamânicas.

A Palavra poderá ser localizada nas diversas camadas xamânicas, como rito, cântico, êxtase, a oralidade, sobrevivendo nas diferentes lâminas virtuais através dos mitos (ELIADE, 1972). E nessas lâminas virtuais, há símbolos que expressam múltiplos sentidos (DANTAS, M.B.S., p. 12), veiculados pelo envoltório da Palavra, em um movimento permanente como narrativa mítica de recriação, em extensões incontáveis que valida as interpretações e trocas, se produzindo constantemente (LÉVI-STRAUSS, 2008, p.219). E toda essa postulação resiste perpetuamente na prática, quando a vida comum/espiritual se torna a Palavra, seja ela escrita ou oral:

Sob um prisma sincrônico, os relatos das experiências de vida surgidos das relações entre povos indígenas e não indígenas associam-se à criação de artefatos, canções, hábitos alimentares, práticas laborais, medicinais e rituais. O acervo de histórias transmitido por determinado período contribui para a formação da literatura oral de cada comunidade. Esse repertório desempenha funções sociais importantes, pois condensa inúmeros aspectos culturais.” (BARBOSA, GABRIEL, DANTAS, SANTOS, 2020, p.13)

A Palavra em diferentes cosmologias e cosmogonias, precisa ser observada não como mero instrumento de registro, mas como “os feixes das relações dos mitos, as unidades constitutivas, as combinações desses feixes, a produção de um sistema atemporal” (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 227). É dessa forma que a Palavra tem seguido atravessando mundos; quer seja no plano de verdade divina ocidental, caracterizado pela intemporalidade e pela busca de uma estabilidade da existência humana (DATIENNE, 2003, p.66); ou por povos originárias em sua insurgente e insistente “instituição instauradora da mitologia do continente, a saber, aquela que postula a preexistência absoluta de um meio, literalmente, pré-histórico” (VIVEIROS DE CASTRO, 2009, p. 55), que é expressa pelos existentes em sua interpretabilidade coacessada no “passado que nunca foi presente e que, portanto nunca passou” (Idem), onde a Palavra tem sido o guincho que tem povoado os tempos com seu espírito.

**Referências**

CALVANI, Carlos Eduardo Brandão. *Espiritualidades não religiosas: desafios conceituais.* Horizonte. Belo Horizonte. V.12, no. 35, p.658-687, jul./set. 2014.

BARBOSA; Milena Veríssimo, GABRIEL, Maria Alice Ribeiro; DANTAS, Michelle Bianca Santos; SANTOS, Luciane Alves (organizadores).*“É história viva, num é história morta”: narrativas potiguaras do litoral norte da Paraíba*. - João Pessoa: Editora UFPB, 2020.

CORREIA, W.W.S. *O pensamento indígena: o xamanismo ameríndio como terapia da mente.* Dissertação – Mestrado em Ciências das Religiões, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. PB. 2021.

DANTAS, Michelle Bianca Santos. *Estética da religião: uma vereda para encontrarmos o papel da poiéses em ciências das religiões***.** Congresso Nordestino de Ciências da Religião e Teologia. João Pessoa, PB, 2018.

DATIENNE, Marcel. *Os mestres da verdade na Grécia arcaica.* Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 2003.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lucia de Oliveira, Célia Pinto Costa. São Paulo. Editora 34. 2012.

ELIADE, Mircea*. O xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase*. Tradução Beatriz Perrone Moisés e Ivone C. Benedetti. São Paulo. Martins Fontes. 1998.

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade.* São Paulo. Editora Perspectiva S. A. 1972.

FARIAS, Eliane; BARCELLOS, Lusival. *Memória Tabajara*: manifestação de fé e identidade étnica. 2. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

FARIAS, Eliane; BARCELLOS, Lusival. et al. *Diversidade PARAÍBA:* indígenas, religiões afro-brasileiras, quilombolas, ciganos. João Pessoa: Grafset, 2014.

KOPENAWA, Davi. ALBERT, Bruce. *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*. Tradução Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo. Cia das Letras. 2010.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo.*1ª ed. São Paulo. Companhia das Letras. 2019.

KRENAK, Ailton. *Futuro Ancestral***.** São Paulo. Cia das Letras. 2022.

LÉVIS-STRAUSS, Claude*. A eficácia simbólica*– Rio de Janeiro. Editor Tempo Brasileiro. 1975.

LÉVIS-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural Dois*– Tradução Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo. COSAC NAIFY. 2008.

SÁEZ, Óscar Calavia. *Xamanismo nas terras baixas: 1996-2016*. BIB,São Paulo, n. 87, 3/2018 (publicada em dezembro de 2018), pp. 15-40.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Araweté: os deuses canibais***.** Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, APOCS. 1986.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio.* Mana, 2(2), p.115-144. 1996.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A floresta de cristal: notas sobre a ontologia dos espíritos amazônicos.* Cadernos de campo, São Paulo, n. 14/15, p. 319-338, 2006.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Encontros. Apresentação Renato Sztutman*. Rio de Janeiro. Ed. Beco Azougue. 2007.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo*. Metafísicas Canibais: Elemento para uma antropologia prós-estrutural*. São Paulo. Ubu Editora, n-I edições, 2009.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo. Editora Cosac Naify, 2014.

1. Doutorando em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Contato @wildoreino@gmail.com [↑](#footnote-ref-1)